

## **INCLUSÃO E DESAFIOS NO ENSINO SUPERIOR: PERSPECTIVA DOCENTE EM GEOGRAFIA**

**Lorenza Aparecida Alves Pereira<sup>1</sup> (AC - lorentzaaparecida710@gmail.com), Luzanira Augusta de Lima<sup>2</sup> (PG)Gilberto Celestino dos Santos<sup>3</sup> (PO)**

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo em compreender as situações adversas que ocorrem na formação dos acadêmicos nas universidades, que os habilitam para o exercício do ensino-aprendizagem, mesmo que, conforme estabelece a LDB/96, esse docente ainda não se sinta apto às práticas inclusivas, o que precisa ser revisto para um ensino de qualidade, respeitando os limites de suas potencialidades intelectivas, psicoafetivas, socioculturais e suas múltiplas inteligências numa mudança de comportamento. O objetivo específico em compreender a formação docente na perspectiva inclusiva; entender a complexidade dos desafios da inclusão em relação ao ambiente escolar; contribuir na valorização da Inclusão Social desde a formação acadêmica, e proporcionar reflexão que leve a erradicação do preconceito e/ou exclusão. A metodologia será utilizada, inicialmente, quanto as técnicas de procedimento, o método bibliográfico na busca de material para fins de leitura com procedimento sistêmico em vários gêneros, como artigo, resenha, livros informativos, resumos e outros na formação do “corpus” da pesquisa; o método qualitativo. A hipóteses “Se” as universidades preparam o acadêmico para o exercício do magistério, com as mudanças ocorridas, conforme a LDB/96 concede aos sujeitos com necessidades especiais os mesmos direitos daqueles considerados “normais”, há de convir que precisa, urgentemente, fazer alterações no currículo que possam atender as diligências a serem tomadas para que o professor ao assumir a sala de aula e se deparar com aprendizes que se caracterizam como “diferentes” possam ganhar habilidades que lhes assegurem na práxis do exercício. Dessa maneira, grupos que já estão na área têm muito a ensinar e aprender (O’ Brian, 1999). As pessoas não são iguais, mesmo as consideradas “normais” são diferentes, além de cada um possa em seu tempo certo de aprender.

**Palavras-chave:** Inclusão; Formação; Currículo.

### **Introdução**

A inclusão de educandos com necessidades especiais específicas às escolas públicas e privadas vêm impactando as instituições, uma vez que os universitários passam anos estudando, entretanto não recebem conhecimentos necessários que os preparem para lidar com a inclusão. Somente no contexto atual com a grande demanda é que se percebe a necessidade de agregar a grade curricular disciplinas que venham direcionar a postura, metodologias e técnicas que possam contribuir para um ensino-aprendizagem inclusivo de qualidade.

Esse impacto gera vezes e vezes, constrangimento, frustração para o docente, posto que mesmo estando habilitado para exercer o magistério, esse educador se sente incapaz de contribuir e/ou facilitar a aquisição do conteúdo ministrado. O

profissional se vê diante de desafios, seja na área de Geografia e/ou nas demais áreas para efetiva educação com esses aprendizes com necessidades educativas especiais. A ausência de informação dificulta a acessibilidade, assim quanto mais pessoas leigas no assunto, maior a dificuldade e a complexidade. Por outro lado, mais do que falar em dificuldades, é preciso enxergar as potencialidades do educando. Há de perceber o outro não pelo rótulo, mas pelo que ele é mediante suas múltiplas inteligências.

Os aprendizes não aprendem da mesma forma na sala de aula, não são iguais nas suas dificuldades, nem nas suas potencialidades, pois o que há de semelhança entre eles, é a questão de que todos podem aprender. Na sala de aula, o professor, mesmo antes de iniciar o conteúdo, seja na área de Geografia ou não, terá de conhecer a turma, ser capaz de saber quem são seus alunos mediante questionamento: “De onde vêm/ Onde residem/ O que esperam da escola; da vida/ O que sabem sobre a Geografia.” (KARAGIANNIS et al. 1989, p.03). O professor vai muito além de ministrar o conhecimento. É uma oportunidade para orientar o outro na construção dos saberes e de colaborar para uma vida mais autônoma e feliz.

No entanto, surge nesse momento, a dúvida: “não estou preparada para a prática inclusiva”. Habilitada para educar alunos “normais” e por medo culpa o sistema. O professor que propõe exercer suas atividades na Geografia de forma inclusiva, necessita contar com uma rede de apoio para uma efetiva colaboração e aprendizagem. Grande percentual de professores não tem muita informação a respeito de trabalho com sujeitos de diferentes dificuldades e potencialidades. Portanto, grupos formados por docentes que já exercem esse trabalho têm muito a ensinar e aprender com aqueles que integram a área da educação, haja vista que nesse processo o compartilhamento de conceitos, desafios e resultados integram o ambiente escolar.

### **Considerações Metodológicas**

Será utilizado, inicialmente, quanto as técnicas de procedimento, o método bibliográfico na busca de material para fins de leitura com procedimento sistêmico em vários gêneros, como artigo, resenha, livros informativos, resumos e outros na

formação do “corpus” da pesquisa; o método qualitativo, visto a pesquisa atentar em verificar sobre as questões da formação do professor na área de Geografia ou mesmo em outras áreas que ao assumirem a sala de aula possam encontrar dificuldades em exercer suas atividades em relação à inclusão das pessoas com deficiência.

Em meio às fontes de pesquisa, no uso da abordagem qualitativa buscará interpretar os fenômenos sociais a partir da compreensão de suas inter-relações. Trabalha com o subjetivo, valores, crenças que orientam às ações humanas, visto que o que interessa são as respostas dos fenômenos, das opiniões, das crenças, “não o quanto”, mas o que sentem, pensam e defendem. São produtos mentais, culturais e subjetivos, como expõe a situação-problema: formação de docentes, mas que encontram dificuldades para lidar com os aprendizes com necessidades educacionais especiais, inclusão (NUNES 2008).

## Resultados e Discussão

Nesse sentido, a pesquisa prossegue em demonstrar que mesmo com todas as dificuldades de acesso, a limitação do sistema e a ausência de informações o professor pode e deve pesquisar e se aprofundar, buscando recursos necessários às mudanças quanto a prática em sala de aula, promovendo assim um ensino-aprendizagem efetivamente inclusivo em todo ambiente educacional. Conforme Felicetti e Morosini (2009), para que se possa promover a igualdade e acesso das pessoas com deficiência ao longo das IES, é necessário ofertar melhores condições ao longo da educação básica. Assim, deve-se promover ao aluno com NEE nas universidades a capacidade de avaliar a assistência estudantil, levando em consideração a realidade social e específica, com cotas específicas, contendo um número de bolsas e a promoção da assistência desse público; ser capaz de implementarem assistência específica ao longo dos restaurantes universitário, a partir de uma acessibilidade arquitetônica e serviços para preparação dos pratos; buscar condições melhores para o transporte público ser acessível, além de discutir ações para que ocorra a sua permanência. Assim, as medidas relacionadas com o apoio e o acompanhamento de alunos podem contribuir significativamente para equidade no ensino superior.

## Considerações Finais

Após sucessivas leituras acerca do tema, é possível dizer que a inclusão, ainda, caminha a passos lentos, mesmo com a lei de Diretrizes e Bases (LDB/96) que assegura o processo inclusão com alunos com necessidades educacionais especiais, os professores que, neste caso, os que trabalham na área de Geografia, com nas demais áreas não se sentem seguros e/ou “prantos” para lidar tamanha complexidade, o que, por vezes, têm medo, ou mesmo dificuldades por não se considerarem aptos a esses desafios em uma sociedade contemplada de diversidade.

Nesse aspecto, fica claro a necessidade de se ter um olhar mais aprofundado para que haja mudança nas efetivas grades curriculares das universidades para que os acadêmicos possam receber conhecimento que venha fortalecer a inclusão com um ensino de qualidade. É preciso reconhecer que três sujeitos não são iguais, mesmo aqueles considerados “normais” são diferentes, além de cada um ter o seu tempo de aprender.

Tem-se que a sociedade sempre valorizou, de certa forma a força e a nação, e, por isso, tem dificuldade em aceitar a diversidade. Há que, nesse âmbito, considerar as múltiplas inteligências, visto o ser humano possuir várias formas de aprender e de se relacionar com o mundo.

Nessa perceptiva, é inegável o quanto a diversidade enriquece a vivência humana, trazendo reflexões sobre a compreensão das diferenças e construir propostas para aprendizagem.

## Agradecimentos

A Deus, por me dar forças e me ajudar a superar todos os obstáculos ao longo da minha graduação. Aos professores que me incentivaram nos momentos difíceis. Aos meus pais e colegas de curso que sempre estiveram do meu lado.

## Referências

FELICETTI, V. L.; MOROSINI, M. C. Equidade e iniquidade no ensino superior: uma reflexão. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 9-24, jan./mar. 2009.

NUNES, Heliane Prudente et al. **Trabalhos Acadêmicos: planejamento, execução e avaliação**. Goiânia: Faculdade Alves Farias, 2008.



O'BRIEN, John; O'RIEN, Connie Lyle. A Inclusão como uma força par a renovação da escola. In: STAINBACK, William; STAINBACK, Susan. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1989. p.48-66.

KARAGIANNIS, Anastasios et al. Fundamentos do Ensino Inclusivo. In: STAINBACK, William; STAINBACK, Susan. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1989. p.03.